



ROSTOS NEGROS NA ARQUITETURA E URBANISMO NO BRASIL

Isaque Santos Pinheiro¹

*Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Grupo de
Pesquisa Lugar Comum, Salvador, Ba, Brasil).*

Resumo: O texto a seguir trata sobre questões que atravessam a pesquisa “Arquitetas e arquitetos negros pelo mundo: Mapeamento da presença negra no campo da arquitetura, urbanismo e planejamento urbano” (PPGAU FAUFBA, Salvador-BA) assim como seu subproduto o site arquitetasnegras.ufba.br, já disponível online. Focando no eixo Brasil traz pontos como a busca pela representatividade dentro do campo da arquitetura e urbanismo de arquitetas(os) negras(os), referenciais profissionais, reflexão sobre o lugar que a pessoa negra ocupa no mercado de trabalho, como estar a produção desses profissionais em relação a mídia e a academia. Questionamentos importantes para contribuir para a ampliação de repertório que vem sendo utilizado dentro da área de atuação e estudo, olhando essas questões a partir de uma perspectiva referentes à realidade brasileira.

Palavras-Chave: Arquitetas(os); Negritude; Pesquisa; Brasil; Mundo.

NEGRITO BLACK FACES IN ARCHITECTURE AND URBANISM IN BRAZIL

Abstract: The following text deals with issues that cross the research “Black architects and architects around the world: Mapping the black presence in the field of architecture, urbanism and urban planning” (PPGAU FAUFBA, Salvador-BA) as well as its by-product the black architects website [.ufba.br](http://arquitetasnegras.ufba.br), now available online Focusing on the Brazil axis, it brings points such as the search for representation within the field of architecture and urbanism of black architects, professional references, reflection on the place that the black person occupies in the labor market, how to be the production of these professionals in relation to the media and academia. Important questions to contribute to the expansion of the repertoire that has been used within the field of activity and study, looking at these issues from a perspective related to reality Brazilian.

Keywords: Architects; Negritude; Research, Brazil; World.

CARAS NEGRAS EN ARQUITECTURA Y URBANISMO EN BRASIL

¹ Bacharel em Artes pela UFBA. Design Soteropolitano conhecido também como Zac Pinheiro. Docente de Arquitetura e Urbanismo FAUFBA. E-mail: isaque17@outlook.com . ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2689-0470>



Resumen: El siguiente texto aborda los temas que atraviesan la investigación “Arquitectos y arquitectas negras en el mundo: Mapeando la presencia negra en el campo de la arquitectura, el urbanismo y el urbanismo” (PPGAU FAUFBA, Salvador-BA) 1 así como sus par- producto el sitio de los arquitectos negros .ufba.br, ahora disponible en línea Centrado en el eje Brasil, trae puntos como la búsqueda de representación en el campo de la arquitectura y el urbanismo de los arquitectos negros, referencias profesionales, una reflexión sobre el lugar que ocupa el negro en el mercado de trabajo, cómo ser la producción de estos profesionales en relación con los medios de comunicación y el mundo académico. Cuestiones importantes para contribuir a la ampliación del repertorio que viene siendo utilizado en el campo de actividad y de estudio, examinando estas cuestiones desde una perspectiva ligada a la realidad brasileña.

Palabras-clave: Arquitectos, Negritud, Investigación, Brasil, Mundo.

VISAGES NOIRS EN ARCHITECTURE ET URBANISME AU BRÉSIL

Résumé: Le texte suivant traite des problématiques qui traversent la recherche « Black architects and architects around the world : Mapping the black presence in the field of architecture, urbanism and urban planning » (PPGAU FAUFBA, Salvador-BA) 1 ainsi que son par- produit le site des architectes noirs .ufba.br, désormais disponible en ligne Centré sur l'axe Brésil, il apporte des points tels que la recherche de représentation dans le champ de l'architecture et de l'urbanisme des architectes noirs, des références professionnelles, une réflexion sur la place que la personne noire occupe sur le marché du travail, comment être la production de ces professionnels en relation avec les médias et le monde universitaire. Questions importantes pour contribuer à l'élargissement du répertoire qui a été utilisé dans le domaine d'activité et d'étude, en examinant ces questions à partir d'un perspective liée à la réalité brésilienne.

Mots-clés: Architectes, Négritude, Recherche, Brésil, Monde.

PENSANDO CONTEXTO E PROCESSO: TRABALHO E ACADEMIA

Pensando nos países Ocidentais e na forma como produziam conhecimentos, segundo o Sociólogo e Professor porto-riquenho Ramón Grosfoguel desde o séc. XVI o racismo biopolítico do Estado já estava institucionalizado nas estruturas acadêmicas. Surgiu no séc. XIX um novo imaginário moderno de raça, que para se sustentar precisava promover práticas de epistemicídios, apagamentos de saberes inerentes aos corpos não brancos, que se articulavam aos processos de genocídios e subalternação, a fim de, desumanizar determinados sujeitos. GROSFOGUEL, Ramón; 2013

Com exceção do homem branco todos ocupavam o lugar do “não penso, não existo” já que a produção realizada por essas pessoas não seria validada devido ao lugar



que seus corpos ocupavam no interior da estrutura racista e sexista de legitimação do saber. Como, por exemplo, os processos de silenciamento de negras(os) que foram aprisionadas(os) e escravizadas(os). “Nas Américas os africanos eram proibidos de pensar, rezar ou de praticar suas cosmologias, conhecimentos e visão de mundo.” GROSFOGUEL, 2012, pág. 40.

Considerando essa construção do conhecimento de forma segregada ao longo da história, tencionar esse paradigma e seus lugares de produção, aponta um caminho em direção à decolonialidade do conhecimento. Defendida por autores como Paulo Freire e bell hooks, trazem para os holofotes outras formas, práxis, registros e produções que possam questionar as estruturas hegemônicas. Trazendo para o palco novas questões, desloca assuntos colocados como periféricos para o centro, como o genocídio/epistemicídio dos grupos minoritários, abrindo espaço para que seus ricos conhecimentos emerjam.

Figura 1: logo do mapeamento.



Fonte: FERNANDES; Bruno. 2021.

Questionando essa lógica, o projeto de pesquisa "**Arquitetas e arquitetos negros pelo mundo: Mapeamento da presença negra no campo da arquitetura, urbanismo e planejamento urbano**", o qual está integrando ao Grupo de Pesquisa Lugar Comum/PPGAU-FAUFBA² e vinculada ao grupo de estudos Corpo Discurso e Território, vem realizando pesquisas e ações para ampliar a discussão sobre o tema dentro da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (Salvador, Brasil), e para a comunidade fora de seus muros.

A intelectual, teórica feminista, artista e ativista social estadunidense Gloria Jean Watkins conhecida como bell hooks traz em seu livro “Educar para transgredir: a educação como prática da liberdade”, que boa parte de nós, estudantes, aspiramos por um



conhecimento significativo, que ofereça a nossas vidas mais profundidade e plenitude. Que além dos conhecimentos técnicos, que nos habilita enquanto profissionais, que nos traga a capacidade de ler o mundo de forma crítica. Tomar esse espaço potente para as transformações de paradigmas é o que a pesquisa busca:

“[...] A academia não é o paraíso, mas o aprendizado, é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula com todas suas limitações continua sendo ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades, temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, exigir de nós e de nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permite encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginemos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade...” (HOOKS, 2013, p. 273).

A valorização do pensamento fronteiriço³ construído na academia de jeitos diferentes, proporciona e possibilita uma nova forma de pensar e vivenciar a universidade de maneira não concentrar esses conhecimentos no meio acadêmico, mas também disponibilizá-los mais amplamente, com linguagem acessível e de maneira dinâmica. A maneira como o saber é construído e valorizado, tem impacto na formação e no campo de atuação de arquitetas(os) e urbanistas, afetando como esses profissionais são reconhecidos, capacitados, inseridos no mercado de trabalho ou como guiam sua produção.

Nos últimos anos tem sido perceptível o avanço, ainda que lento, de pautas relacionadas à equidade de gênero e raça dentro do curso de arquitetura e urbanismo no Brasil. Um dos motivos talvez seja o fato de ter sido sancionada em 2012 a Lei de Cotas para o Ensino Superior nº 12.711/2012, ação afirmativa que institui a política de cotas foi que reserva 50% das matrículas por curso e turno nas 59 universidades federais e 38 institutos federais de educação, ciência e tecnologia, à alunos oriundos integralmente do ensino médio público e/ou autodeclarados preta, pardos ou índios.

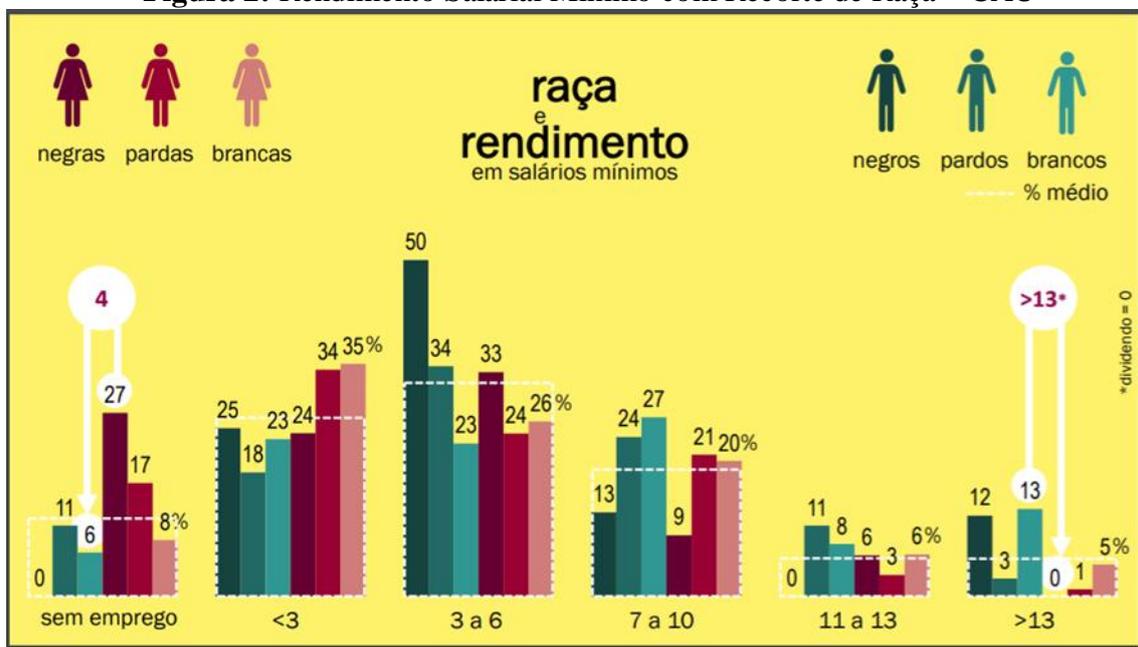
Apesar de atualmente possuir dados em relações ao gênero e raça devido a adesão do CAU/BR à plataforma *Women Empowerment Principles* (WEP) que possibilitou a criação de uma “Comissão Temporária de Equidade de Gênero (CTEG) do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil”, a qual realizou uma pesquisa online ainda tímida com 767 mulheres e 208 são homens na qual foi feito o levando de gênero e etnia na profissão no ano de 2020. O resultado da pesquisa mostra que a área é majoritariamente



ocupada por mulheres brancas, seguidas de homens brancos, mulheres negras e por fim homens negros.

Sendo que o rendimento dos homens brancos na profissão é o maior, seguido pelo de mulheres brancas, homens negros e por fim mulheres negras entendendo a dificuldade de acesso a área de trabalho por parte dos profissionais negros, a qual ainda é muito ligada a esquemas de indicações. Ainda assim não apresenta ainda dados mais aprofundados e pesquisas mais amplas sobre as questões raciais dentro do campo de atuação o que deixa ainda muito aquém do ideal as ações de equidade racial, mas é um começo.

Figura 2: Rendimento Salarial Mínimo com Recorte de Raça – CAU



Fonte: CTEG, 2021, pág 13

É possível fazer uma análise sobre o mercado de trabalhos para esses profissionais se olharmos para o levantamento sobre a taxa de desemprego no Brasil realizada através da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) trimestral, os dados do primeiro trimestre de 2021 aponta que a taxa de desemprego ficou em 14,7%, tendo mais da metade das pessoas desocupadas classificadas como negras: pretas e pardas formão juntas 72,9% e esse número é pior entre as mulheres negras. CTEG (2021)

Quando feita a análise desses dados ao longo da história do Brasil, notarmos que, apesar de variarem, sempre consta um maior número de profissionais negros desempregados. Esse cenário reflete diretamente no mercado de trabalho de arquitetas(os) e urbanistas negras(os), no qual já estão em menor número. Na academia, percebe-se que



estudantes negros e negras apresentam maior dificuldade de permanência no curso. Sabe-se que quando formados, encontram novas barreiras, que direcionam muitos a buscar alternativas no empreendedorismo, não exercendo integralmente sua profissão.

Essa realidade afeta também os estudantes de Arquitetura e Urbanismo, uma prática comum é os escritórios contratarem através de indicação de funcionários ou estagiários, os quais geralmente são brancos e indicam os seus pares devido a construção histórica e as relações interpessoais existentes, como afirma a arquiteta de interiores Elizabeth em entrevista ao site *arquitetas negras*: “Nos dois estágios que fiz durante a universidade, em um deles era eu e mais uma arquitetura e no outro era eu e mais duas colegas.” Processos relacionados ao dito “se adequar ao perfil da empresa” também ocorre devido a um não entendimento e respeito a estética negra, como conta o arquiteto Flavio Carvalho também em entrevista ao site: “Depois que formei eu cortei o cabelo para ver se eu conseguia participar mais das reuniões.” (CARVALHO, 2019)

ARQUITETAS(OS) NEGRAS(OS) POR ONDE ANDAM?

No Brasil, o senso comum estereotipa a arquitetura afro-diaspórica ao mobilizar um imaginário coletivo folclorizado, no qual associam também a escassez. A construção do saber já aqui abordado, além das dificuldades importada na época da escravidão ou pós-abolição sem reparação histórica mostra grande influência a esse pensamento que não ficou só no âmbito da arquitetura. Desconsidera assim os quilombos, terreiros aqui construídos, além das produções realizadas em outros países produção ainda hoje raramente inclusas nos currículos de teoria e história, uma associação racista com aspectos vagos, repetidos e com enormes lacunas que ganhou status de verdade ao longo do tempo.

Como a autora Patrícia Hill Collins aponta em “Aprendendo com a *outsider within*: Significação Sociológica do Pensamento Feminista Negro” a criação de estereótipos é usada como mecanismo de controle das imagens que circulam nos meios de comunicação e através do discurso. Processo esse que desumanizar e dicotomizar o sujeito dentro de um imaginário homogêneo, a fim de manter o status quo de sujeição. Fazendo assim com que o indivíduo não se enxergue em outras posições sociais que não as que categorizadas para eles a partir da construção histórica e dos marcadores sociais



da diferença: racismo, sexismo, machismo entre outros que contribui para as desigualdades profundas em todos os campos. COLLINS; Patrícia Hill; (2016)

No Brasil devido à falta de conhecimento sobre o continente Africano, sua arquitetura é vista muitas vezes através de um senso comum de escassez, falta de informação, primitividade ou enxergados pelos projetos vernaculizares e obras realizados pelo arquiteto Diébédo Francis Kéré devido a projeção midiática de seu trabalho, mas considerando as múltiplas linguagens desenvolvidas no continente que são muitas vezes esquecidas. Há multiplicidade de formas e maneiras de fazer arquitetura e só o conhecimento do campo que levará as pessoas para um novo olhar sobre o tema.

A fim de contribuir para a subversão dessa imagem para a criação de diferentes e múltiplas imagéticas, o projeto "**Arquitetas e arquitetos negros pelo mundo**" tem como um dos seus subprodutos o site: **arquitetasnegras.ufba.br**. A página é denominada assim, no feminino, devido ao fato do português refletir na língua a estrutura sexista e machista, na qual o artigo masculino é utilizado para referir-se ao plural multigênero. Ou seja, adota-se o termo arquitetos para se referenciar as profissionais do sexo feminino, masculino e outros, criando assim uma secundarização da mulher no discurso.

O site não se trata de um local apenas de visibilidade para arquitetas(os) e suas produções múltiplas, tendo em vista que não necessariamente negras(os) na arquitetura vão contribuir partindo de perspectivas e epistemologias negras, mas principalmente, tem como intuito ser um banco de referências inicial de pesquisa para os estudantes brasileiros da área de Design, Arquitetura e Urbanismo. Pretende-se que seja também ser um espaço para divulgação e acesso público aos mapeamentos, e ações e informações produzidas pela pesquisa.

A pesquisa considera o complexo entendimento de etnia/raça que conta com grandes e numerosas variações em cada país e contexto. Neste sentido, foi adotado um método de heteroclassificação assumindo a limitação do mesmo, o qual leva em consideração características fenotípicas que as vezes não reflete o conjunto de valores étnico-raciais a que pertence um indivíduo e o método de autoclassificação, quando existia a possibilidade de ter acesso à declaração das(os) próprias(os) arquitetas(os) pesquisadas(os).

É preciso elencar alguns nomes que tem se dedicado ao tema já a algum tempo aqui no país como e que aparecem como referências contemporâneas importantes: “o arquiteto Fábio Velame professor da Universidade Federal da Bahia – UFBA que no seu

trabalho mais recente denominado “Arquiteturas da Ancestralidade Afro-brasileira” nos conta sobre a arquitetura religiosa do candomblé no seu livro. Além da Professora da UFBA Gabriela Leandro também conhecida como Gaia, a qual foi ganhadora do Prêmio ANPUR de melhor tese pela sua pesquisa chamada: Corpo, discurso e território no qual ela conta sobre a cidade em disputa nas dobras da narrativa de Carolina Maria de Jesus, escritora negra e periférica brasileira, a qual orientou esse trabalho.

A busca por referência de outros metes para além de Aleijadinho aparece como inquietação latente e o lançamento do livro escrito por “Tebas um negro arquiteto na São Paulo escravocrata” em 2018 certamente ajudou a levantar esse debate sendo o primeiro arquiteto negro ainda que sem formação oficial de que temos notícia. Nessa ceara de primeiros não poderia deixar de citar a primeira arquiteta formada pela UFBA, Lycia Conceição era uma mulher negra, de origem humilde e descentes de escravizados seus principais trabalhos foram “na Sociedade e Amigos da Marinha (Soamar), onde foi sócia efetiva, e como topógrafa no Serviço de Águas e Esgotos da Bahia (atual Embasa)”. ADAME; Santos (2019).

Outro fator importante são os surgimentos de iniciativas estudantis como o “Coletivo Feminista Arquitetas Invisíveis” da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília que conta com um eixo de pesquisa sobre “Arquitetas Invisíveis: Negras” acessadas por www.arquitetasinvisiveis.com. Além dos coletivos de estudantes negros como: Coletivo Coletivo de Negras e Negros da Fenea, Calunga (FAU UNB), Coletivo Yê Mastaba (FAU/UFRJ - IPPUR - FIOCRUZ), Coletivo Malungo (FAUSP), Coletivo Malungo (UFMG), Maloca (UNILA) entre outros.

Vale à pena destacar os grupos de pesquisa e estudo que também vem construindo acerca do tema: como o grupo de estudo Corpo Discurso e Territórios e o Etnicidades ambos da faculdade de arquitetura e urbanismo da UFBA, o LabRaça da faculdade de arquitetura e urbanismo da USP direcionados aos estudos de espaço urbano ligados a raça entre outros. Além dos eventos que vem surgindo ao logo do tempo destacando-se o Seminário Salvador e Suas Cores com edições anuais desde de 2015, o Partilha Transatlânticas com 2 edições realizadas com o foco de realizar conexões internacionais, além do COPENE – Congresso Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as.

Figura 3: Cartografia Iniciativas Educacionais Negras em Arquitetura e Urbanismo



Fonte: Autor, 2021.

Iniciativa autônoma também pode ser pautada como a “Arquitetura d’ Preto” @arquiteturadpreto do arquiteto Pedro responsável pelo Brasileiro Estúdio o qual já tem mais de 600 arquitetos negros e arquitetas negras em seus destaques no Instagram. A Ayo Arquitetura @ayo_arquitetura, arquitetura da arquiteta Barbara Oliveira, a Arquitetura Preta @arquiteturapreta da arquiteta Thaise Machado, além no meu próprio perfil pessoal @zac.pinheiro onde veio levantando questões relacionadas, iniciativas que ajudam a troca de informações com pessoas fora do campo, além de aproximar discussões com profissionais que nem sempre acessam o assunto.

Além de iniciativas coletivas como o projeto “Arquitetas Negras” que através de um financiamento coletivo estão construindo uma plataforma tanto de pesquisa, quanto de contratação de serviços de arquitetura no Brasil com coordenação da Arquiteta Gabriela de Matos com a primeira edição da revista já publicada em 2019. O grupo Cartografias Negras de São Paulo que lida com o pensamento e a ação de revisitar, conhecer e ressignificar alguns territórios negros históricos em São Paulo. Além do



Mapeamento das Arquitetas Negras” realizado pelas pesquisadoras Andréia Moassab e a Joice Berth com o intuito de realizar reflexões sobre o racismo, o machismo e o sexismo no ensino e na atuação profissional do campo. Até mesmo a recente publicação da revista de nº5 Pop-se que catalogou 100 nomes de arquitetos(as) e designs negros(as) que apontam nesse cenário.

REIVINDICAR MEMÓRIA É REIVINDICAR TEMPO

Enxergar o mundo a partir do Brasil exige de nós um olhar que considere as limitações de tempo, espaço e pesquisadores dentro da pesquisa realizada. O racismo se apresenta de maneiras muito diferentes em cada país, mas em todos quando presente traz efeitos negativos para o desenvolvimento profissional e para o crescimento do campo da arquitetura e urbanismo. Cada país tem sua história e ela influencia diretamente na produção da arquitetura, ainda é um desafio contemporaneamente construir um panorama da contribuição de arquitetas e arquitetos negros(os), mas negar sua existência é um equívoco. É negar a presença dessas pessoas na construção em todas as etapas da edificação, da realização e vivência da cidade, o recorte racial realizado em pesquisa é importante em um mundo desigual que busca por equidade.

Frente à colonização do ser⁴, identificar as potencialidades e transformá-las em ação tem sido o caminho que grande parte do mundo tendência. A autora bell hooks coloca a auto atualização como o passo imprescindível para uma educação transgressora. Gerar processos de aprendizagem que não remontam ou reforçam aspectos de autoritarismo e dominância, que possa ter uma relação intrínseca com a vida do indivíduo. Uma “[...] educação libertadora liga a vontade de saber a vontade de vim a ser.” hooks, bell. 1994 pág. 32

O projeto "**Arquitetas e arquitetos negros pelo mundo**" que segue sendo executado, trata de como construir repertório para além da negação e invisibilidade. As possibilidades e campos a serem aprofundados seguem amplos e por isso ele não estar concluída, tem potência para novos olhares e aprofundamentos sobre a temática. O árduo processo que acessar o conhecimento já produzido e as informações construídas através desse campo permanece sendo um desafio, tendo em vista a complexidade nos diversos

contextos mundiais, mas as novas tecnologias e redes sociais permitem aproximações antes não conhecidas.

O acesso de outras referências dentro da arquitetura e do urbanismo permite não só o enriquecimento técnico, estético e teórico no campo, como também incentiva pessoas que não se enxergam representadas por esse campo a existência de espaços de atuação acadêmica, profissional ou de uso que também é nosso. A construção de um imaginário coletivo de arquitetas(os) como indivíduos brancos foi construído no Brasil atrelada ao processo sociais de segregação e racismo e as pessoas merecem mais que estereótipos, como diz o coletivo Terra Preta: “des-embranquecer a cidade significa repovoá-la com o tanto de coisa que foi sequestrada dela, como se não fosse digno, relevante, próprio ou real.” PRETA; terra (2019)

Registrar e publicar essas contribuições históricas é construir nesse país memória acerca da arquitetura e urbanismo realizados pela população negra em diáspora, é marcar a contribuição feita na construção das cidades através de processos exploratórios, que não devem ser esquecidos e não foram apagados com minha pele clara. Falar de memória é reivindicar o tempo que é de nós tirados com a negação e a violência, é contribuir com um arcabouço de um futuro diferente, com equidade e trazer a nós o direito ao tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANZALDÚA; Gloria. La conciencia de la mestiza / rumo a uma nova consciência. 2005.

ADAME; Telmi; SANTOS; Shirlei Pimenta Soares. PREENCHENDO LACUNAS: Trajetória das mulheres no curso de arquitetura em Salvador -1920- 1960. 2019 Disponível em: <<https://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2020/04/111004.pdf>> Acesso em: 13.08.2021

COLLINS; Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: Significação Sociológica do Pensamento Feminista Negro. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00099.pdf>> Acesso em 03.13.2021

CTEG. 1º diagnóstico Gênero na Arquitetura e Urbanismo. CAUBR, 2020. Disponível em: <<https://www.caubr.gov.br/wpcontent/uploads/2020/08/DIAGN%C3%93STICO-2.pdf>> Acesso: 17.08.2021

DIAS Jussara; GIOVANETTI Márcia R.; SANTOS, Naila J. Seabra. Perguntar não ofende: Qual é a sua Cor ou Raça/Etnia? Responder ajuda a prevenir. 2009 Disponível em: <http://www.saude.sp.gov.br/resources/ouvidoria-da-secretaria-de-estado-da-saude-de-sao-paulo/biblioteca/perguntar_nao_ofende.pdf> Acesso: 01.08.2021

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 47ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2005 (1970)

GROSFUGUEL; Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. 2016 Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1bmxOy_6mL-fVAo2V1u41uf1oHjD7TuB7/view> Acesso em: 13.04.2021

hooks; bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Ed. WMF Martins Fontes. 2013

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD. 2021 Disponível: <<https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>> Acesso em: 30.08.2021

MIGNOLO; Walter. Desafios Decoloniais Hoje. 2017

MELLO; Bruno César Euphrasio. E o negro na arquitetura brasileira? 2012. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/13.145/4372>> Acesso: 02.03.2021

PEREIRA, G. et al. Coletiva Terra Preta. Des-embranquecendo a cidade. 2019. Disponível em: <<https://medium.com/@terrapreta/des-embranquecendo-a-cidade-c5635dd0c2ff?sk=31a8264a9c534ec7d9fcdf5873eb1b1e>> Acesso em: 22.08.2020

PINHEIRO, Isaque. A Luta por Equidade dos Arquitetos Negros Brasileiros. 2021 Disponível em: <<https://www.draft-worldmagazine.com/post/a-luta-por-equidade-dos-arquitetos-negros-brasileiros>> Acesso em: 19.08.2021

Recebido em: 18/09/2021

Aprovado em: 14/01/2022